



Os pacientes continuam enfrentando filas enormes por causa da greve na Fundação Hospitalar

Grevistas querem suspender o atendimento no pronto-socorro

A greve dos servidores de nível médio da Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF) continua até segunda-feira, quando a categoria fará nova assembléia geral. Na assembléia, ainda sem horário e local marcados, os grevistas colocarão em votação a paralisação das atividades também nos pronto-socorros, que hoje, ainda funcionam mas com número reduzido de profissionais.

Na última assembléia realizada pelos servidores, que desempenham funções como a de auxiliares de enfermagem, agentes de portaria e agentes administrativos, ficou definido a manutenção do atendimento nos setores de emergência. Mas segundo o diretor do Sindicato — entidade que representa a categoria —, Valdecir Marques Medeiros, esta posição pode mudar, caso o Governo não atenda às reivindicações básicas para os servidores, como a apresentação de uma nova tabela salarial, redução da carga horária e mudança da data-base para 1º de maio.

Em assembléias regionais, realizadas ontem pela manhã, nos hospitais da rede, os servidores da FHDF, discutiram as deficiências de seus setores, fizeram convocações para a integração de mais funcionários nos comandos de greve e criticaram a carta aberta, do secretário de Saúde, Laércio Valença. Nela, o secretário demonstra, através da tabela salarial proposta aos servidores, a diferença entre salários do DF e dos outros Estados, que, segundo a carta, são bem menores. "Eles comparam os salários, mas não avaliam que aqui no Distrito Federal, o custo de vida é bem maior", condena Luiz Ribeiro Vale, do comando de greve do Hospital de Base de Brasília (HBB).

Gama

Na assembléia regional do Hospital do Gama (HRG), a carta de Laércio Valença também recebeu severas críticas. A maioria dos funcionários encara a nova tabela, oferecida pelo GDF, como uma perda e não uma conquista.

Segundo eles, a nova tabela absorve o índice de produtividade, ganho anterior da categoria. Para os servidores daquela regional, entretanto, são necessárias não só reajustes salariais, como também melhorias nas condições de trabalho.

"Aqui as deficiências são gerais. Vão desde salário baixo até à falta de material para trabalho", revela o diretor-executivo do Sindicato, Arimateia Marques, que faz parte do comando de greve daquela regional. Ele lembra que, há alguns meses, uma cirurgia do HRG chegou a ser suspensa por falta de esparadrapo. "Isto é freqüente, e aconteceu com um filho de um funcionário do hospital", disse ele, observando que é muito comum pacientes do pronto-socorro serem internados em colchões no chão, ou mesmo em bancos da sala de espera. "Aqui o número de macas é deficientes, e em muitas delas não tem grade de proteção. Tudo é muito precário", resumiu Marques.